

8-2-50 - O Globo

A CRÔNICA de Rubem Braga

PROMESSA A TRUJILLO

OS BISPOS da República Dominicana prometeram rezar pela família do ditador Trujillo. Mas ele não deixou que isso saísse nos jornais — e, com certeza, bateu no pau da mesa com os nós dos dedos.

Estou falando da Carta Pastoral coletiva do Episcopado da República Dominicana, por ocasião da festa de Nossa Senhora da Alta Graça, no domingo 25 de janeiro de 1960. Foi lida em todos os templos, mas não apareceu nos jornais nem no rádio. Ali se recomenda aos sacerdotes absterem-se de toda intervenção de caráter político ou que altere a ordem pública; mas a própria Carta é, com o jeito manso e choroso do estilo, um tremendo libelo contra a ditadura.

“Não podemos permanecer insensíveis ante a funda pena que aflige a um considerável número de lares dominicanos”... “expressamos nossa paternal simpatia, nosso profundo pesar e nosso comum sentimento de dor, já que é uma obra de misericórdia consolar o triste, fazendo própria a frase do apóstolo São Paulo: “Chorar com os que choram”.

Esses que choram são, naturalmente, os milhares de presos políticos e as famílias dos que são turturados ou assassinados pelo ditador Trujillo. A Pastoral cita frases de Pio XII: “milhões de seres humanos continuam vivendo sob a opressão e a tirania” e diz “que todo homem tem direito à liberdade de consciência, de imprensa, de livre associação etc” — isto é, às liberdades que não existem para o povo dominicano. Pede preces para os atribulados e os prisioneiros, e anuncia que os bispos dirigiram “uma carta oficial à mais alta autoridade para que, em um plano de recíproca compreensão, se evitem excessos que, em definitivo, só causariam prejuízo a quem os cometesse”.

Aqui é que vem a promessa: “Certos do bom resultado desta intervenção (a carta ao governo, que até agora não teve resposta alguma) prometemos especiais preces para obter que nenhum dos familiares da autoridade experimente jamais em sua existência os sofrimentos que afligem agora os corações de tantos pais de família, de tantos filhos, de tantas mães e de tantas espósas dominicanas”.

A frase é piedosa — mas a piada é forte. A experiência de outras ditaduras latino-americanas mostra que às vezes a Igreja reza a missa de sétimo dia — antes.